

## DA REALIDADE CONTADA À TRANSPOSIÇÃO NO TEXTO LITERÁRIO PATHÉ-BABY: CORRESPONDÊNCIA E CRÔNICAS DE VIAGEM

Cecília de Lara \*

“O instrumento mediante o qual se opera a transfiguração é o estilo”

(Vargas Llosa)

Na trajetória do escritor, jornalista e crítico de teatro Antonio de Alcântara Machado, o ano de 1925 emerge como um divisor de águas. E disso temos uma prova concreta: as crônicas de viagem, publicadas em jornal nesse ano e reelaboradas para a edição em livro, no ano seguinte, resultando na primeira obra do escritor, *Pathé-Baby*, que veio a público em fevereiro de 1926: há sessenta anos atrás, portanto. Literariamente o marco é a obra, mas na realidade o livro — como as crônicas de jornal — representam um resultado da vivência européia, na viagem que realizou por oito meses, através de diversos países da Europa. Vivência que também se reflete nos ensaios sobre teatro brasileiro e estrangeiro<sup>(1)</sup>.

De suas viagens pela Europa temos dados objetivos de dois períodos: um, em 1925 e outro, de 1929-30, dos quais há produções que trazem a marca de suas andanças<sup>(2)</sup>. Mas, como fator decisivo em sua formação intelectual, sem dúvida alguma a viagem de 1925 foi a de maior importância. O próprio Antonio de Alcântara Machado a considerou como “viagem

\* Prof. Adjunto e Pesquisador. Área de Literatura Brasileira. IEB-USP.

1. Sobre a produção ligada ao teatro, realizamos um ensaio específico: *De Pirandello a Piolim: a contribuição crítica de Antonio de Alcântara Machado* (aguardando publicação. INACEM).

2. Toda a produção ligada às viagens foi reunida em: MACHADO, Antonio de Alcântara. *Pathé-Baby e Prosa turística: o viajante europeu e platino*. Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro 1963. (v. 2. Obras de Antonio de Alcântara Machado). Organização e Introdução — Cecília de Lara.

de estudos”, “um verdadeiro curso de arte”, conforme escreve em postal de 24 de julho de 1925, enviado da Itália à família. Outras vezes comenta: “É uma viagem de estudos, esta... Estudante de beleza ando atrás dela...” E acrescenta: “E vou vendo, anotando, aprendendo... São coisas que ficam e que servem para o resto da vida.” Nessa ocasião A. A. Machado tinha 24 anos. Formado em direito, iniciava a carreira de advogado e jornalista, pois em janeiro de 1923 tinha começado a colaborar como crítico de teatro, na seção Teatros e Música, do *Jornal do Comércio* de São Paulo.

Uma viagem anterior à Europa foi mencionada na cronologia montada por Francisco de Assis Barbosa<sup>(3)</sup> — “ainda menino fora uma vez à França” — que localiza o fato no ano de 1913. Não tínhamos nenhum outro dado, a não ser essa referência, mas numa carta escrita de Gênève, a 30 de setembro de 1925, o próprio A. de A. Machado confirma o fato: “Estou aqui, no Beau Rivage aqui... (ilegível). Meu quarto dá justamente para a primeira casa do Dr. Passos *por nós compartilhada com ele* (grifo meu). Vejo daqui as janelas do primeiro andar, de tão espinafrosa recordação! Há *treze anos* isso! (grifo meu). Vou procurar diante do espelho, cabelos brancos... Deve haver já.” Esteve, portanto, na Suíça, e conforme diz, 13 anos antes. Logo, o ano seria 1912, quando tinha 11 anos de idade, pois nasceu em 1901. Ao que se diz, ele e o irmão não quiseram ficar na Suíça e fugiram, para ir ao encontro do pai. Talvez por isso se refira ao fato como “espinafrosa recordação”.

Quanto à segunda viagem — ou seja, a de 1925 — de início só tivemos possibilidade de colher dados através das transposições indiretas, feitas nos textos das crônicas de *Pathé-Baby*, publicadas em jornal com indicações de local e data de elaboração. Isto nos permitiu recompor um hipotético itinerário de suas viagens pela Europa. As datas, de ida e volta, puderam ser localizadas com segurança através de notas do *Jornal do Comércio*, que fez os devidos registros por se tratar de um de seus colaboradores permanentes.

Diz a primeira nota: “Pelo trem das 8 da manhã segue hoje para Santos, onde embarcará no Flandria, com destino à Europa, o nosso prezado companheiro de redação Dr. Antonio de Alcântara Machado. Moço ainda, o distinto colega estreou vitoriosamente na advocacia e na imprensa. Nas colunas desta folha, o jovem confrade tem dado diariamente, provas de seu grande talento e de sua vasta cultura, revelando-se crítico de qualidades pouco comuns e escritor de raça. Do Velho Mundo, durante os meses que ali vai passar, Alcântara Machado enviará para esta folha correspondências semanais que constituirão uma delícia para nossos leitores. Ao distinto colega desejamos feliz viagem.”

Esta nota, de 24 de março de 1925, nos dá a data da partida do navio, que seria no dia seguinte, 25. Nota similar registra a sua volta: “Depois de oito meses de ausência na Europa, regressou ontem a esta capital, o nosso prezado companheiro de trabalho Dr. Antonio de Alcântara Machado.

“Em Santos e na Estação da Luz foi recebido por elevado número de amigos”. (*Jornal do Comércio*, 3 de novembro de 1925)

3. Introdução a *Novelas Paulistas*, ed. J. Olympio, Rio de Janeiro, 1971, p. XV.

Algumas hipóteses foram por nós levantadas quanto à trajetória de viagens, de idéias e da produção do escritor, que agora pudemos confirmar, com os dados objetivos que colhemos na série de cartas e cartões postais que enviou aos pais, na viagem de 1925<sup>(4)</sup>.

Além das informações biográficas, que possam oferecer, estas cartas e cartões se revestem de importância maior, pois permitem um confronto de textos sem cunho literário com a transposição para o plano da criação, nas crônicas de jornal e do livro. Apesar das diferenças que já pudemos assinalar, entre a versão do jornal e a da edição em livro, no momento interessa o confronto da correspondência com as duas versões de jornal e livro — situadas no mesmo plano: o da criação ficcional. A possibilidade de poder cotejar textos de diferente natureza, elaborados a partir da mesma experiência, nos oferece dados que permitem melhor caracterizar o texto literário, desfazendo, inclusive, equívocos. Nesta instância, vamos apenas aproximar os textos — da correspondência e das crônicas — relativos a alguns episódios que aparecem nas duas séries. A presença de traços da realidade registrada sem intenção literária, e, depois, retrabalhada a nível de criação é tão importante para conhecer melhor os procedimentos do escritor quanto certas omissões sistemáticas, como a supressão do anedótico.

Em se tratando de correspondência enviada à família, logicamente predominam assuntos mais pessoais, com uma ou outra referência que permite complementar o seu perfil intelectual. Mas, embora poucos e esparsos, estes dados são os únicos que pudemos localizar, de cunho informativo, sobre um período que conhecíamos apenas através da transposição escrita, nas colaborações de jornal e na criação literária.

O itinerário da viagem real coincide com os registros feitos nos finais de episódios, no jornal e no livro, que mantêm as datas e locais de sua elaboração primitiva. Mas, a correspondência nos dá mais detalhes. Saindo de Santos a 25 de março, o navio *Flandria*, do Lloyd holandês, teve sua primeira escala em Salvador, Bahia. A 27 de março escreve aos pais uma carta em papel timbrado do navio, no qual informa: “Chegaremos amanhã de madrugada a Bahia. De lá mandarei um cartão.” No final, indica: “— Alto mar 27.3.25.” Mas, a curta escala não permitiu que descesse à terra: “Não foi possível descer a Bahia: o *Flandria* chegou às 6 e saiu às 8!”, dirá em carta de 29 de março, na qual acrescenta:

“A enseada é linda e a cidade extraordinariamente pitoresca”. Com isto nos privamos de uma crônica sobre Salvador, como fez em relação a Recife. Nessa mesma carta informa: “Escrevo domingo, às 10. Às 14 chegaremos a Recife. Sendo possível, descerei”. De fato, teve oportunidade de descer e visitou a cidade, pois o primeiro episódio de viagem que enviou ao *Jornal do Comércio* foi “Recife”<sup>(5)</sup> publicado só em jornal e excluído da série reelaborada para figurar no livro *Pathé-Baby*. Datado de “março de 1925”, a 29 de abril desse ano apareceu no jornal.

A 6 de abril o navio chegava a Las Palmas e o viajante relata em carta uma passagem curiosa: “Hoje, às 9 e meia, o *Flandria* tombou bruscamente para o lado esquerdo, levado por

4. Por especial deferência do Dr. Caio de Alcântara Machado, que nos permitiu a consulta dessa correspondência.

5. Nas reedições de *Pathé-Baby* introduzimos o episódio “Recife” em apêndice.

6. Cavaquinho, 18 de setembro de 1926, por nós incluído no v. 2, Obras completas. Ver nota 2.

formidável e inesperada corrente marítima. Houve enorme pânico, berros, deliquios e o mais do estilo. Almoçando estávamos o Marcelo e eu, que, com mais três ou quatro fomos os únicos que nos mantivemos calmos. O prejuízo que tive foi uma calça suja de chá, ovos quentes, sal e o resto que na mesa havia...

"Continua bastante inclinado o navio. Mas o mar é de lago". Fato curioso, excluído totalmente da crônica "Las Palmas", que não revela nenhum traço desses fatos ocorridos, como se pode constatar em *Pathé-Baby*, que se atém a aspectos descritivos, suprimindo o anedótico: "Cem metros sim, cem metros não, gravuras de folhinha. Rua estreita, de lajedos grandes, que sobe em caracol. Rosas nas fendas dos muros. Um menino montado num burrico orelhudo de pelo arrepiado. Uma velhota. Outra velhota.

"A cidade afasta-se do mar e trepa nos morros. As casas são pedras brancas encravadas nas encostas.

"Renques verdes de bananeiras alegres. Chaminés. Quintalejos" (P.B. 1. Las Palmas, 5. Vistas, p. 22). Escrito em abril, o episódio foi publicado, inicialmente a 3 de maio, no *Jornal do Comércio*.

Prosseguindo a viagem, a 9 de abril o navio chegou a Lisboa: "Escrevo às pressas, em meio do Tejo imundo", dirá em bilhete rápido. De Lisboa é também o postal — sem data e sem selo — o que faz supor que tenha sido enviado juntamente com o bilhete de 9 de abril. "Fui à terra. Lá passei vinte minutos de chuva e mau cheiro. De novo, no vapor, que adiou a partida, de novo escrevo". E no final: "O navio apita — Adeus". O episódio Lisboa, em *Pathé-Baby*, se apresenta no livro dividido em: "primeiro episódio: ida", com data no final: "abril de 1925". E — "segundo episódio: volta" — datado de "outubro de 1925", reunindo, portanto, duas passagens pela cidade.

A nível dos fatos, pode-se perceber, neste caso, a clara correspondência entre as impressões do viajante e o texto do livro: "Lama no Tejo. Manhã horrível de céu cinzento. Chuvinha fina que cai: Frio, Vento. A lancha pula nas vagas: desce, sobe, desce, sobe. Uma bola de borracha saltando". (P.B. 2. Lisboa. 1. sala de visitas, p. 29). As referências ao frio, à chuva, à lama, coincidem. Conforme informação em carta, deu apenas uma volta de 20 minutos pela cidade; diante disso, é incrível a quantidade de pormenores que a pena do escritor registrou. Como se os olhos fixassem — como uma câmera — instantâneos da cidade. O fato de observar de dentro de um carro, em movimento, se reflete na forma com que apresenta a sucessão de imagens: ruas, coisas, pessoas, tudo passando ante seus olhos, em movimento ilusório: "O automóvel sofre de tabes: sobre o calçamento inominável treme como varas verdes". O estilo fragmentário corresponde às imagens das coisas que surgem e desaparecem, do seu campo de visão: "O chiado. Casas de modas. Lojas. Alfaiatarias a valer" (...) "Rua do Alecrim. Mais uma estátua. Amorável". E nas ruas, o povo: "Vendedores ambulantes. Tamancos barulhentos. Um mercado infecto. Descomunais pés descalços. Saias pelos joelhos. Calças arregaçadas. Verdureiros. Sujeitos de gorro, capa espanhola e guarda-chuva". Coisas e pessoas em fragmentos, niveladas sob o mesmo prisma: o das aparências, que o olhar capta sem dar primazia, pois tudo se articula no mesmo plano: cores e formas em movimento, compondo o quadro vivo de um momento da cidade.

Em carta anuncia a chegada a Paris para a tarde do dia 12 de abril. Mas, não se conservou, infelizmente, a primeira carta ou cartão que provavelmente traduziu o impacto do tão esperado acontecimento. Alguns dados aparecem apenas no livro, no episódio 4, datado de

abril, maio e outubro de 1925. Em parte publicado em jornal, o livro acrescenta novos episódios: 5. fête foraine e 6. espírito gaulês. De Paris, em carta, há apenas alguns dados, de 23 de abril — onze dias após a chegada — prevista para o dia 12. Carta que não foi a primeira, pelo tom inicial: “Aqui continuo razoavelmente bem...” Nessa ocasião nos oferece as únicas informações sobre suas andanças, em Paris: “Tenho percorrido teatros (já conheço nove!), museus, exposições, chás e restaurantes”. Informações vagas, com um único esclarecimento: “Hoje, vou ao Th. de Paris ver a Sergine em *L'enfant de l'amour*”. E prossegue: “Conheci ontem, de uma só vez: Tom Mix e o seu cavalo Tony (que são agora o encanto de Paris) Mary Marquet (a mulher que apressou a morte de Rostand), Dranem (famoso cancionista), a bailarina Zambelli (professora da Ópera), os celebérrimos Fratellini e outros que tais numa vespéral de beneficência”. E ao falar dos projetos de viagem para a Itália, informa: “Mais alguns dias de Paris e começo a viajar”. De 11 de maio um cartão sem selo, tratando de assuntos de interesse do pai, como obras de Direito, dá mais algumas informações sobre Paris. “Paris cheio de patrícios: há brasileiros demais, por toda a parte”. E acrescenta: “Tenho visto *tudo quanto é possível* (grifo meu). Vou agora a uma Biblioteca de edições primeiras exclusivamente”.

Como o acesso à cidade, na época, tinha que ser feito por terra, após o desembarque no porto, é evidente que o impacto da chegada era atenuado. Bem diverso de um primeiro contacto com a visão aérea, por exemplo, que o viajante moderno vê desdobrar-se ante seus olhos. Em *Pathé-Baby* o episódio 3, de Cherbourg a Paris, descreve uma viagem pela Normandia, que bem pode ter sido realizada na chegada. A viagem de trem permite, de novo, captar a paisagem em movimento: “Casinhas aos pares. Tetos pontudos de ardósia. Muros de pedra. Vacas bem tratadas (tudo é bem tratado).

“Simetria, fria simetria. Em cada canto do terreiro quadrado, um arbusto. No centro, uma árvore. A cerca é de madeira pintada. Ninguém”. O movimento real do trem é transferido para as coisas vistas da janela, que surgem e desaparecem, animadas, como se tivessem vida própria. E até sentimentos: “Cidadezinhas pequeninas. O trem não lhes dá importância. Passa por elas: não pára. Pobrezinhas, ficam tristes” (...) “As povoações abrem ala para o trem passar. E o trem passa veloz, em busca de Paris.” A chegada a Paris é paulatina, sem grandes impactos: “E as torres do Sacré-Coeur, à esquerda, alongando Montmartre até o céu. E a Tour Eiffel, à direita, espetando as nuvens.

“Gare St. Lazare. Faz frio”. Possivelmente assim foi a chegada a Paris, após o desembarque na Normandia.

Um mero detalhe, que menciona no postal, a presença de brasileiros, surge elaborado humoristicamente no texto de *Pathé-Baby*: “Desce um casal de brasileiros: ele, de palheta, bengala e sobretudo: ela, toda cores carnavalescas, toda porta de tinturaria.

“— Ce sont des argentins...”

“Ainda bem! Ainda bem!”

De Paris, propriamente, a vida da cidade, com o movimento das ruas, o cosmopolitismo, e mesmo os monumentos — traços presentes em textos do livro — não mereceu referência nessa carta, que sem dúvida dá seqüência a outras, anteriores, que desconhecemos. Os episódios sobre Paris, em *Pathé-Baby*, apresentam riqueza de detalhes e situações que demonstram o interesse do observador e até mesmo sua emoção — o que é raro no livro. Um ponto de importância, nesta carta, é a referência às crônicas enviadas ao *Jornal do Comércio*: “Já

mandei para o jornal quatro tolices rápidas sobre Recife, Las Palmas, Lisboa e Normandia. Se publicadas, espero que o Guastini m'as envie." O escritor não estava nem um pouco seguro da receptividade que suas crônicas teriam, no próprio jornal. Não tanto pela dúvida quanto ao valor que tivessem, mas pela incerteza quanto à reação do público. Por isso demonstra alívio ao conhecer uma opinião sobre a segunda delas: "Algum tanto me alegra saber que o Pinto Ferraz apreciou minha crônica sobre Las Palmas. Pensei que ninguém entenderia aí minha intenção cinematográfica no fixar peripécias e coisas..."

"Tanto melhor se me entendem, entendendo-a". É o que diz a 29 de maio de 1925.

Essa consciência dos procedimentos de cinema, que aqui revela, reaparece em outra ocasião, quando chama de "filmes" os escritos que continua enviando para publicação.

"De lá mandei três *filmes* por intermédio do Flávio, a fim de que este os passe à máquina. Procurando evitar, assim, os erros que a revisão do *Jornal* tem teimado em cometer!", escreve ao se referir aos dias que passou escrevendo em Stresa, em setembro de 1925.

Se teve contatos ou outras experiências culturais, em Paris, nada aparece, nessa correspondência que manteve com os pais. Já na Itália, em Bolonha, relata que recebeu um convite, que lhe enviaram de Paris, para um evento do qual não deve ter participado, pois permaneceu por dois meses na Itália: "Recebi, com a correspondência de Paris, um convite para um banquete para uma inauguração de monumento, assinado por Unamuno, Blasco Ibañez e outros que tais..."

"Veja só a importância..." (13 de julho de 1925).

Em 1925 estava ocorrendo em Paris um evento importante: a Exposição de Artes Decorativas e Industriais, a qual se refere por duas vezes, em *Pathé-Baby*: "A Exposition des Arts Décoratifs et Industriels Modernes, de árvores cubistas, de telhados quadrados, de jardins de madeira, levanta para o céu de Paris antenas de luz".

Mas, prefere falar mais do lado não oficial, mais popular, do evento: "A multidão torce o nariz diante dos pavilhões ricos, e vai divertir-se no Parc des Attractions". No mesmo tom refere-se à inauguração: "A inauguração (com Marselha e discursos) do pavilhão de Paris na Exposição das Artes Decorativas é um pretexto oficial. Simplesmente. Na Rue Saint Honoré, o que o povo comemora é a sua própria alegria, a alegria de viver e dançar". Descreve cenas do baile público, como já havia feito em relação ao baile do Magic-city. Não temos referências em carta a essa exposição.

De Paris deu uma chegada rápida a Londres: a 26 de maio escreve de lá, e a 29 já está de volta. No cartão enviado de Londres diz: "Estou em Londres desde algumas horas com o diretor da A. Americana, meu amigo de Paris. Estou bem".

"*Londres assombra e desnor-teia*", é a frase que sintetiza suas impressões — que aparecem com detalhes no episódio 6, do livro. Talvez tenha sido o Picadilly Circus, com o movimento de gente, de carros, de luminosos, que motivou a impressão sintetizada em cartão, numa frase única. O livro registra vários aspectos, captados através de impressões visuais que nivelam coisas e pessoas: "O Criterion despeja na confusão do Picadilly Circus mantas de zibelina, com colares de pérolas, smokings com clagues, caras raspadas com monóculos, cabeças louras com diademas.

"Os ônibus vermelhos de dois andares cruzam-se, enfileiram-se. A multidão errante cobre a Regent Street". Impressões visuais a que se juntam as sonoras: "O ruído é um atropelo de mil sons diferentes". E se as imagens nivelam coisas e pessoas, captadas em fragmentos, a

vida se derrama para fora dos seres humanos, impregnando a cidade, que ganha impulso animal: "Coventry Street lateja como um vaso cardíaco". A magia dos anúncios luminosos não podia deixar de ferir a percepção dos observadores ainda não afeitos à novidade: "Os anúncios luminosos, galgando os prédios policromos, despencando dos últimos andares, travessos, rodando, piscando, ágeis, desaparecendo à direita surgindo à esquerda, subindo, descendo, indo, vindo..." A movimentação tem um quê de travessura de crianças brincando.

Este episódio só apareceu em livro, não tendo sido publicado no *Jornal do Comércio*.

Viajando pela França, em maio, descreve o trajeto de Paris a Dives-sur-mer. Dessa viagem só há dois cartões postais, datados do mesmo dia, 17 de maio; ambos retratam a "Hostellerie Guillaume le Conquérant", em Dives-sur-mer. "Vale a pena vir da Senegambia até aqui a pé para ver esta maravilha! E no outro: "Aqui, em Dives, perto de Deauville, descansando na indescritível Hostellerie Guillaume le Conquérant, em meio de uma viagem admirável..." No texto de *Pathé-Baby*, antes de passar à enumeração de detalhes, seguindo o hoteleiro que mostra a casa, A.A. Machado deixa escapar um fio narrativo que parece reconstituir o trajeto do olhar curioso que lembra a sua admiração expressa nos postais e proíonga a do leitor: "Em Dives-sur-mer, onde termina a rua d'Hastings, indicando o ponto de que partiu Guilherme para conquistar as terras de além-Mancha e o título de conquistador, há uma placa e uma maravilha.

"A placa é uma placa. A maravilha é a Hostellerie de Guillaume le Conquereur". Rara ocasião em que não tenta ocultar a admiração sob a iroina, em *P.B.*

Em junho visita Rouen: "... velha e pitoresca cidade de igrejas, cheia de reminiscências de Jeanne d'Arc..." Visita que não é registrada nas crônicas. A viagem pela Itália se inicia em Milão, de onde escreve um postal, a 5 de junho, no qual conta que encontrou F. Mignone "que me tem sido inseparável e excelente companheiro." F. Mignone é retratado no episódio 2. derrota brasileira (*P.B.*, 7. Milão, p. 88).

"O moço forte senta-se no tamborete, desperta no teclado sons trepidantes, e a salinha escura, perdida no quarto andar da Via Carazzo n. 32, ganha cor aurrverde.

"As notas brasileiras escapam à janela. No ar verdiano de Milão a harmonia cabocla põe um cheiro tropical de mata úmida". E logo adiante: "Os dedos de Francisco Mignone pintam a noite enluarada, o terreiro fervilhando, a torcida da assistência caipira". Um episódio que poderia ter sido inspirado pela lembrança, pela imaginação, ao ouvir uma música do compositor, através dessa referência concreta no postal, permite que se considere a situação como ocorrida de fato. Já em Roma, a 9 de junho, relata um fato "desagradabilíssimo" que lhe ocorreu: a perda de sua carta de crédito, num banco de Milão; fato também totalmente omitido nas crônicas, que quase sempre elidem o anedótico: "Comecei bem, nesta Itália linda mas malcheirosa".

De Roma escreve falando de brasileiros: "Aqui, brasileiros em penca. Vi ontem, num restaurante, o dr. Sucupira (médico) e outro indígena. Tenho viajado com o Nilo Colona dos Santos, que José conhece muito de Caxambu e da Politécnica do Rio. Outro companheiro: um sobrinho do Matarazzo, meu conhecido de São Paulo. Sobre brasileiros na Europa escreverá "Guaranis viajados", que embora pareça ser da mesma época, publicou em rodapé de jornal depois da edição de *P.B.* em livro. Essa crônica provavelmente tem sua raiz nos encontros com patricios, em andanças européias, nesse ano de tantos viajantes e peregrinos.

pois era Ano Santo: "Roma com brasileiros a dar com pau, peregrinos todos" (*P.B.*). Embora tenha feito de Roma o centro de suas viagens pelas cidades italianas, o episódio Roma é o último dos relativos à Itália, no livro, e não teve publicação anterior em jornal, embora tenha data semelhante de elaboração: julho de 1925, no final do episódio. Na parte I. indústria, trata justamente da presença de peregrinos e de turistas: "Na Stazione di Termini as hordas desembarcam em ordem. A invasão quotidiana de Roma pelos bárbaros da Agência Cook, da American Express, das peregrinações católicas". (*P.B.* p. 165). Trata, depois, de outros aspectos — conforme sintetiza telegraficamente: "Roma-ruína, Roma-sacristia, Roma-exploração." (*P.B.*, 3. cidade eterna). E mais além se refere, ainda, a "Roma-cemitério". A maior parte do livro *P.B.* trata da Itália por onde andou em junho e julho de 1925. Os cartões que falam da Itália e os episódios do livro, sobre cidades italianas, apresentam entre si maior discrepância. A Itália lhe provoca assomos de admiração que nos surpreendem, depois de termos lido, em primeiro lugar, os episódios do livro, *P.B.* De Veneza, dirá, a 2 de julho: "Aqui estou, maravilhado. Veneza é um sonho: um sonho de beleza. Não sei se daqui saio tão cedo..." E conta: "Assisti ontem a um concerto monstro (cento e cinquenta professores de orquestra e trezentas vozes mistas), às 10 da noite, na P.S. Marco. Imagine o soberbo conjunto!" Essa experiência inspirou a parte I. país da música, do episódio Veneza, que descreve um concerto, em praça pública:

"O *Inno al sole* da Iris desfere as primeiras notas. Segreda. Aos poucos, inflama-se. A melodia toma corpo. Apressa-se o ritmo. As notas galopam, atropelam-se. Cento e cinquenta vozes unem-se à orquestra. Estardalhaço mascagniano. Na noite quente parte para o céu a oração tumultuosa que o sol deus não ouve. A batuta sobe, tremendo. E o hino cresce. E o hino estronda, cascadeia, vocifera" (PB p. 98).

A evocação das figuras — reais ou fantasiosas — fruto de leituras e da imaginação do cronista, lhe permitiu construir sobre Veneza um episódio dos mais significativos da obra pela atmosfera, pelo clima de mistério, de amor e morte. Não é este, como se pode notar, o tom característico da obra em seu todo, pois aqui a subjetividade do autor se derrama, tingindo a pureza das formas, a rigidez das arestas, que de um modo geral aflora, nos demais textos. Curiosa é a reação, nos fechos das partes, em que a emoção anima com maior força: as evocações trágicas atingem o climax, subitamente cortadas por uma frase de efeito, de cunho humorístico: "O céu é um galinheiro apinhado". Ou: "A lua é uma careca".

A admiração por Florença, embora muito grande, não emerge no texto de *P.B.*, como acontece com Veneza. Pelo contrário, o escritor força o traço nos aspectos negativos: "As galerias italianas negam a invenção humana. Meia dúzia de assuntos em meia dúzia de séculos. Afirmação de arte ou afirmação de fé? O poema cristão transformou-se em lugar-comum pictórico. / Os olhos modernos saem ansiando por uma tela dinâmica e liberta de Léger". (*P.B.* tesouro de preciosidades, p. 112).

Em carta de 24 de junho de 1925, declara ao pai: "Florença, para mim, das que conheço, é a primeira cidade da Itália". E logo mais, comenta: "Vou-me demorando pela Itália. É, sob certo aspecto, um deslumbamento contínuo: Veneza e Florença quase me põem doente..." (13 de julho).

Ao dar continuidade à viagem pelas cidades italianas, diz a 16 de julho, em Pisa: "Amanhã parto para Lucca, onde fico um dia. De Lucca, *Florença novamente, cidade que amo*" (grifo meu).



No livro, o episódio Nápoles vem datado de junho de 1925, embora tenha sido situado no livro após os demais, todos de julho, que tratam de cidades italianas. A carta, que se refere a Florença e Nápoles é de 24 de junho. Não temos postais de Nápoles; possivelmente A.A.M. não os enviou, depois, quando verificou que os havia esquecido num bolso. Os cartões seguintes, todos de julho, — de Bolonha, Lucca, Pisa, Siena, Perugia — correspondem a textos curtos, descritivos, de *PB*.

O postal de Bolonha (dia 13 de julho), enviado ao irmão, nada diz da cidade. Em carta, ao pai, na mesma data diz que Bolonha “é a grande cidade universitária da Itália”. Vai a Pisa, Lucca, Perugia, Assis. Poucas linhas nos cartões e episódios sintéticos no livro. Visita, ainda, Siena, que não estava nos planos.

Sobre Siena dirá em cartão de 21 de julho:

“Cidade interessantíssima esta. Com uma catedral maravilhosa. Este cartão dá uma idéia”. E enfatiza: “Poucas vezes tenho tido uma tão impressionante visão de beleza”. Sobre a igreja dirá, em *PB*: “A fachada do Duomo ri, alegre. O riscado de preto e branco é um prodígio de mármore. No pavimento de mosaico, norte-americanos pisam o gênio de Mecarino”. No final, o fecho, em que a atmosfera se adensa no mimetismo da linguagem: “Cisma triste de ciprestes. A noite cobre Siena como um chapéu preto” (*PB*, p. 135).

O postal sobre Perugia é de 24 de julho, em seqüência a Siena, portanto. Mas em *PB*, se intercala o episódio de Nápoles, escrito bem antes, em junho. De Nápoles, no livro, acentua a sujeira, a miséria. E como em toda a Itália, sempre a música, presente. De Perugia nada fala, no postal, que trata da visita a Assis: “Ontem passei o dia inteiro na chiesa de S. Francisco, em Assis, e nas ruínas etruscas”. E segue: “Um verdadeiro curso de arte, feito sob a direção erudita e malcheirosa de um frade...” Figura que ressurge no texto de *Pathé-Baby*, acentuado o traço característico: “... o franciscano de hálito fedorento limpa os dentes com o polegar” (*PB*, p. 161).

Antes de prosseguir viagem, fica em Stresa, Lago Maggiore, para descansar dos dois meses de viagem pela Itália: “Dois meses! Nunca pensei que por aqui ficaria tanto tempo!” F. Mignone lá estava “fugindo do calor de Milão, para compor e sonhar!”

Não escreveu sobre essa região, nem sobre a Suíça. Esteve em Gênêve, sem ter planejado, por circunstâncias de sua intenção de ir à Espanha por mar. Mas, não havia lugar no navio. Então decidiu ir por terra: 30 horas de viagem: “Uma trapalhada infernal! Só agora tenho um pouco de sossego para lhe escrever. Felizmente adquiri forças em Stresa onde passei quinze dias, fazendo literatura, olhando o lago, bocejando e engordando.”

Anuncia que ficará por 15 dias na Espanha, volta a Paris e de Paris regressará ao Brasil. A 3 de setembro escreve de Barcelona: “Barcelona é uma grande cidade: tem mais de um milhão de habitantes e mau gosto numa proporção assustadora para cada um. O Zadig, o Malta e outros artistas de quilate do Tertuliano Araújo devem vir para cá. Espera-os imensa fortuna”. Fala da tourada, no dia seguinte. Em *PB*, o episódio 18 é Barcelona, que se situa após o de Roma. Provavelmente nos 15 dias em Stresa redigiu todos os episódios italianos.

Sobre a cidade, Barcelona, deixa entrever a mesma opinião: “A hediondez dos prédios”. Mas é a Igreja da Sagrada Família que mais o impressiona: “Dentro do paredão murado sobem paredões gradeados, parecidos com girafas, parecidos com a Tour Eiffel. Pastores, ovelhas e santos, em cima de uma porta, aglomeram-se para um concurso de feiúra. A construção, em começo, é um assombramento de pedra. Caminha para uma realidade final assusta-

dora". (1. a cidade, PB., p. 179). A outra parte é 2. a tourada. Barcelona foi o último episódio publicado em jornal. Datado de setembro, saiu em novembro no *J.C.* Londres, Perugia, Assis, Roma e as cidades espanholas só apareceram em livro.

Houve, em certo momento, a intenção de visitar a Bélgica: "Bruges e outras cidades mortas e interessantíssimas". Mas, desistiu da visita e voltou a Paris. Nessa ocasião (fragmento de carta, sem data) diz ainda:

"Não levem a mal este meu apego à Europa. Eu não sei se poderei um dia cá voltar mais uma vez... trato de aproveitar o mais que posso, a oportunidade facilitada pela bondade de meus Pais".

Fala de um amigo, de S. Paulo, Pettinati: "É realmente muito camarada meu e valente propagandista das minhas discutíveis e discutidas qualidades literárias".

Se pelas cartas podemos conhecer a faceta do admirador da arte tradicional européia, observador atento das obras do passado, nos museus e na arquitetura das cidades, que esconde em *P.B.*, para nós o aspecto de maior interesse ainda permanece na sombra. Sobre o contato com a atualidade européia, que buscou com avidez, quase nada sabemos de concreto. No rodapé citado censura os "guaranis viajados", que reformam o guarda-roupa mas não reformam as idéias", e "volta botocudo como foi". Teve a preocupação em freqüentar eventos que revelassem a dinâmica da vida européia num momento de renovação artística e cultural: "O que a Europa oferece de lindamente moderno, os ensinamentos do hoje literário e artístico, a noção exata das necessidades do instante contemporâneo, tudo isso passa despercebido ou causa indignação aos ingênuos brasis. Viram as costas a todas as realizações do espírito novo que está integrando o mundo no momento em que vivemos. Desprezam ou não compreendem o magnífico das manifestações insólitas de que fala André Lhote. Insólitas e também necessárias porque matam a Arte e a Beleza com maiúsculas. Nada disso. Só têm olhos extasiados para o presente-passado, para as projeções absurdas deste naquele para a mercadoria mult centenária pela idade e pelo espírito dos museus oficiais". (Guaranis Viajados).

Essa crítica e outras, que nasceram de observações de viagem, assinalam a direção do interesse do escritor, além da busca do passado. Quanto às publicações também tratou de se atualizar: "Faço questão de levar para o Brasil um resumo do movimento atual da literatura européia". Que livros seriam estes? Não temos idéia.

Enviava os livros ao Brasil solicitando que sua família cuidasse deles: "Tem recebido os livros? Suplico muito cuidado com eles. Que mãos estranhas não se apropriem de um volume que seja (julho). Zelo que reaparece outras vezes: "Tem recebido os livros? Hoje mandei outros. Quase quinhentas libras... Alguns para o senhor..."

"Encarecidamente peço a Mamãe que não permita qualquer avanço ou estrago nos meus livros" (24 julho 25).

Cuidado que estendia a todos seus pertences, conforme diz: "Já mandei para aí um lindo serviço em couro, para escritório, que peço a Mamãe para guardar com carinho: ela sabe o quanto sou cioso das coisas que me pertencem..."

"Enviarei também muitos livros. Se encontrar obras que lhe interessem, comprá-las-ei" (24 de junho de 25).

Biblioteca que seria de importância para conhecer de perto os interesses do escritor e as obras que possam ter influído em sua formação.

Comparando-se os comentários nos cartões postais com os episódios de *Pathé-Baby* referente aos mesmos locais, trilhamos o espaço que medeia a expressão pessoal, espontânea e a estilização, resultante de um intenso trabalho, que sistematicamente limpa o texto de toda e qualquer emoção. Esse procedimento aliado à extrema economia verbal, só revela algum traço pessoal na escolha das situações e do ângulo de enfoque. A isto ainda se acrescenta a primazia do olhar - como se os fatos apresentados se refletissem numa superfície prismática, que devolvesse as imagens em fragmentos polidos, reorganizados numa nova ordenação, provocando efeitos de originalidade, pitoresco, num tom de comicidade ou ironia. Enfim, sob uma ótica diversa da que caracteriza o viajante tradicional, que não oculta sua admiração ante os monumentos e outras obras de arte européias. Os textos dos 13 cartões e alguns fragmentos de 16 cartas do ano de 25, nos devolvem o perfil humano do viajante Antonio de Alcântara Machado, que em seus escritos de *Pathé-Baby* soube disfarçar ao máximo a faceta mais pessoal e subjetiva. O que comprova nossa hipótese, antes do conhecimento dessa correspondência, de que certas afirmativas de tom psicológico, contemporâneas do autor, que confundem "autor" e "narrador", ignorando a intenção de submeter a matéria colhida no campo da realidade e procedimentos conscientes de depuração linguística, de despojamento e da utilização de técnicas de montagem do cinema, - intenção, aliás, expressa em carta, conforme verificamos — não resistem à análise.

Sua postura, em *Pathé-Baby* é a do artista que tinha consciência do momento que vivia na Europa do pós-guerra, em pleno cadinho de fusão das várias tendências de Vanguarda, quando a geometrização cubista se popularizava até na decoração e na moda. Traço que vai marcar também a estruturação de sua prosa, em busca de renovação.